

“A CONVERSA”: UM BATE-PAPO SOBRE A FALTA DE DIÁLOGO EM FAMÍLIA

“A CONVERSA”: A CHAT ABOUT THE
LACK OF DIALOGUE IN THE FAMILY

CINTIA MORAES¹
WILBERTH SALGUEIRO²

1 Mestra e doutoranda em Letras pela Universidade Federal do Espírito Santo.

2 Professor titular de Literatura Brasileira da Universidade Federal do Espírito Santo.

Resumo: O objetivo do texto é analisar a crônica “A conversa”, de Luis Fernando Verissimo publicada no livro *Zoeira* (1987). A partir dela, problematizamos questões que envolvem o gênero textual crônica, a literatura juvenil, o humor, as relações familiares, a (falta da) educação sexual nas famílias e nas escolas.

Palavras-chave: educação sexual, humor, literatura juvenil, Luis Fernando Verissimo.

Abstract: The purpose of the test is to analyze the chronicle “A conversa,” by Luis Fernando Verissimo, published in the book *Zoeira* (1987). From it, we problematize issues involving the chronic textual genre, youth literature, humor, family relationships, the (lack of) sex education in families and schools.

Keywords: sex education, humor, juvenile literature, Luis Fernando Verissimo.

1 CONSIDERAÇÕES INICIAIS

A antologia *Zoeira* é a primeira obra do autor indicada para os mais moços e promete muitas risadas durante a leitura, mesmo alertando para o fato de que se trata de assuntos sérios do nosso país. Publicada pela primeira vez na primavera de 1987 pela editora L&PM, conta com textos selecionados por Lucia Helena Verissimo e por Maria da Glória Bordini. Para nossa análise, elegemos “A conversa”, a 26ª crônica de *Zoeira* (1987). A narrativa trata de um diálogo entre pai e filho e explicita a falta de preparo do pai para conversar com sua criança sobre um assunto tabu para – ainda – grande parte da sociedade.

2 A CONVERSA

Por se tratar de um texto curto e cheio de detalhes importantes para nossa compreensão e análise, decidimos citá-lo na íntegra para que, também, o leitor não necessite de nenhum esforço em localizá-la e, assim, otimizar a leitura:

O guri chegou correndo, animadíssimo.

– Pai, sabe sexo explícito?

Pronto, pensou o pai. Chegou a hora. Vinha protelando aquela conversa, mas agora não podia mais. Disse para o filho:

– Senta aí.

– Mas pai...

O guri estava impaciente. Ele entendia. Na idade dele também estava cheio de perguntas sobre o assunto. Mas na época dele era diferente. Não é que não se falasse sobre sexo, só não era uma conversa tão pública. Agora o sexo estava em toda a parte. Era natural a curiosidade do menino.

– Em primeiro lugar, me diz. O que é que você já sabe?

– Como?

– Eu sei que é difícil. Mas eu sou seu pai. Podemos conversar.

Deu uma risada, para pôr o filho à vontade. Acrescentou:

– De homem para homem.

– O quê, pai?

– Calma. Vamos começar do começo. Sabe uma plantinha?

– Que plantinha?

– Qualquer plantinha.

– Sei.

– Bom, uma plantinha começa de uma semente. Alguém bota uma semente na terra e a plantinha vai crescendo, vai crescendo...

– Eu sei, pai.

– Ah, essa parte você sabe? Muito bem.

O guri pulava na poltrona.

– Sabe sexo explícito?

– Espera um pouquinho, já chegamos lá. Primeiro tem a semente. Pois o papai pôs uma semente na barriga da... Senta, meu filho.

O guri não se aguentava.

– Mas pai...

– Senta!

O guri sentou de novo, com cara de mártir.

– Tem a semente, certo?

O pai já estava perdendo a paciência também.

– Tem – concedeu o guri.

– Foi o papai que botou a sementinha na barriga da mamãe – disse o pai, seu tom era de quem não admite discussão.

– Eu sei, pai.

– Quem é que te contou?

- Eu sei tudo isso, pai.
 - Tudo?
 - Tudo.
 - Mas...
 - Sabe sexo explícito?
 - Sei – disse o pai, desconfiado. – O que é que tem sexo explícito?
 - Passarinho faz sexo expiucito.
- Houve um longo silêncio. Depois o pai disse:
- Como é?
 - Expiucito. Passarinho faz sexo expiucito.
 - Ah. (Pausa). Boa.
 - Pô, pai. Ri!
- Mas o pai não estava achando graça. Estava achando que não tinha mais lugar no mundo pra ele (VERISSIMO, 1987, p. 68-70).

A narrativa inicia com uma pergunta do filho ao pai, que se atropela por medo do assunto e, por isso, não consegue ouvir que sua criança não está falando o que ele supõe estar ouvindo. “Pai, sabe sexo explícito?” é uma pergunta diferente de “Pai, você sabe o que é sexo explícito?”. O filho não perguntou o que era sexo explícito. A pergunta funcionaria como uma introdução ao que ele pretendia dizer, como é comum para muitas pessoas iniciarem falas com características de piada, fofoca: “Sabe fulana de tal? Então, foi embora do país...”.

Talvez ele mesmo não soubesse o que era, mas o que ele queria, naquele momento, era apenas contar uma piada. A piada é um tipo de gênero oral que tem fim em si mesma, ela é completa, não tem objetivo de reflexões, conversas sérias, ponderações (a despeito

de a piada ser um texto/gênero/discurso muito estudado, como uma das formas principais de manifestação do humor). É um jogo que depende de que os envolvidos compreendam o contexto. O pai também errou o gênero discursivo no momento, ou seja, a situação comunicativa. Talvez pela falta de momentos de diálogo e brincadeiras com o filho.

Ao responder “senta aí”, a conversa passa a ter outro emissor, outra mensagem e tenderia a um monólogo, não fosse a insistência do filho em retomar a fala e cumprir seu objetivo inicial. A atitude exagerada do pai, que entendeu que precisava conversar sobre sexo com o filho naquele momento, levou-o a uma sequência de tentativas desbaratadas – que é o recurso aqui que provoca a comicidade na narrativa.

O pai não estava à vontade para conduzir a conversa, como nos informa o narrador: “Pronto, pensou o pai. Chegou a hora. Vinha protelando aquela conversa, mas agora não podia mais” (VERISSIMO, 1987, p. 68). Tal fato é confirmado logo em seguida quando o narrador rememora a infância do pai e sua falta de liberdade em conversar sobre o assunto:

Na idade dele também estava cheio de perguntas sobre o assunto. Mas na época dele era diferente. Não é que não se falasse sobre sexo, *só não era uma conversa tão pública*. Agora o sexo estava em toda a parte. Era natural a curiosidade do menino (VERISSIMO, 1987, p. 68, grifo nosso).

O trecho destacado nos dá a dimensão do quanto o tema representava um tabu para o pai, isto é, ele compreendia que uma conversa privada, entre pai e filho, era uma coisa pública. No imaginário de muitas pessoas, é reprovável traduzir em palavras os próprios pensamentos a respeito dos temas que envolvem a sexualidade, inclusive, os nomes das partes íntimas do corpo humano receberam apelidos para quando, numa ocasião de extrema necessidade, como no cuidado com as crianças, poder dizer sem falar.

É interessante observar que o gênero discursivo em que se constrói a narrativa trabalha exatamente dessa maneira: ancorada em fatos reais, a crônica torna público o que é privado, o que é íntimo, expõe verdades, costumes que uma pretensa formalidade tenta escamotear. Sobre isso Fernando Moreno da Silva (2009, p. 134) afirma:

embora se fale que essas crônicas estejam fortemente vinculadas a uma leitura cuja finalidade é o entretenimento do leitor, o que se nota numa leitura mais atenta é que os textos descortinam uma crítica velada aos costumes, à desfaçatez e aos comportamentos.

Além da quebra do acordo necessário entre falantes para um diálogo, a causa principal do efeito do riso, na narrativa, é a comicidade proveniente do contraste entre ambíguo e explícito. Explícito, conforme o dicionário Michaelis, é um adjetivo que significa: “1. Explicado coerentemente, sem deixar dúvidas; 2.

Que não tem reservas ou restrições ao se expressar”. Como vimos, o pai representa o contrário de explícito, ele é uma espécie de representante do tabu, pois visa mantê-lo: “– Calma. Vamos começar do começo. Sabe uma plantinha?” (VERISSIMO, 1987, p. 69).

E subestima a capacidade de compreensão do filho ao tentar tornar implícito algo que provavelmente o filho sabia ou que não era uma questão para o momento:

Bom, uma plantinha começa de uma semente. Alguém bota uma semente na terra e a plantinha vai crescendo, vai crescendo...

– Eu sei, pai.

– Ah, essa parte você sabe? Muito bem. (VERISSIMO, 1987, p. 69).

A resposta “Eu sei, pai” é para a explicação simplista do adulto a respeito do processo natural de germinação das sementes que, muito provavelmente, já deve ter feito, ele mesmo, na escola com o caroço do feijão no algodão embebido em água. Pode ser também uma resposta automática, daquelas que a gente emite para satisfazer nosso interlocutor e, assim, alcançarmos a vez de falar, principalmente numa situação comunicativa que envolve disputa de poder como a da crônica: o pai, que exerce certo poder sobre o filho, quer fazê-lo valer, também, até, num contexto amistoso, de aparente relaxamento numa disputa de poder de fala.

Aliás, a fala, até pouco tempo, de forma geral, e ainda de forma mais específica, é proibida às crianças em variados contextos: em casa, em casa de familiares, na escola e em tantos outros lugares de convívio social. Conversar, expor ideias ou refutá-las é um privilégio de quem já alcançou a maioridade. Tal fato é um facilitador de disputas e conflitos nesses ambientes.

Em *Humor e tristeza: o direito de rir*, Yves de La Taille (2014, p. 15) afirma que “o rir junto, expressão de cumplicidade, é poderoso meio de aproximação social”. Dessa forma, é possível compreendermos que o filho, ao contar a piada, busca uma aproximação com o pai, um momento de alegria, descontração e harmonia propiciada pelo riso.

O pai não tem competência para escutar, dialogar e apresenta a falta de uma relação amorosa, empática e respeitosa com o filho. “- Senta!”. “O pai já estava perdendo a paciência também” (VERISSIMO, 1987, p. 69), nos confirma o narrador. O tom autoritário assumido pelo pai, que pretende repetir a história do protagonismo masculino na prática sexual e que tenta assumir o lugar de educador sexual do filho - de forma tardia e inadequada -, é responsável por mantê-lo como agente cômico do enredo e torna-o caricato:

- Foi o papai que botou a sementinha na barriga da mamãe - disse o pai, seu tom era de quem não admite discussão.
- Eu sei, pai.
- Quem é que te contou?

- Eu sei tudo isso, pai.
- Tudo?
- Tudo.
- Mas... (VERISSIMO, 1987, p. 69).

“Quem é que te contou?” revela que o pai subestima a criança: ela pode saber de coisas sem que o pai ou alguém lhe tenha contado. Afinal, as informações estão bem mais acessíveis com a chegada de novos aparelhos como *smartphones*, tablets e notebooks conectados à internet, sendo quase impossível aos pais e responsáveis o controle dos filhos quanto ao acesso à informação. Assim, o pai ignora, também, que o mundo de seu filho adolescente é diferente do mundo de sua adolescência. Mesmo considerando que a crônica se data de um período ainda sem a massificação de recursos cibernéticos, o fato é que o acesso à informação vem, de forma crescente, intensa e incontrolável, se ampliando década a década, ano a ano.

Se houvesse uma relação de intimidade com o filho, o diálogo fluiria, haveria entendimento naquele contexto e espaço para brincadeiras e jogos de palavras comuns para a idade que o leitor infere que a criança tenha. Enquanto o pai se debate em seu estado de tensão, o guri tenta ser ouvido:

- ...Primeiro tem a semente. Pois o papai pôs uma semente na barriga da... Senta, meu filho.
- O guri não se aguentava.
- Mas pai...
- Senta! (VERISSIMO, 1987, p. 69).

Somente após o discurso do pai, o guri pôde admitir já saber de tudo, deixar o pai sem palavras e sem certezas e obter a resposta que almejava, após repeti-la pela terceira vez: “– Sabe sexo explícito? – Sei – disse o pai, desconfiado. – O que é que tem sexo explícito?” (VERISSIMO, 1987, p. 70).

Retomada a possibilidade de diálogo, o pai perde de vez seu protagonismo na vida do filho e seu lugar no mundo:

– Passarinho faz sexo expiucito.

Houve um longo silêncio. Depois o pai disse:

– Como é?

– Expiucito. Passarinho faz sexo expiucito.

– Ah. (Pausa). Boa.

– Pô, pai. Ri!

Mas o pai não estava achando graça. Estava achando que não tinha mais lugar no mundo pra ele. (VERISSIMO, 1987, p. 70).

O silêncio do pai seguido por “Como é?” é o momento em que ele se dá conta de que foi vítima em dose dupla: o tipo de conversa não era o que ele imaginava ser e, depois, pelo jogo de palavras que constitui a piada contada pelo garoto. Podemos perceber aqui, também, uma virada no diálogo entre pai e filho: o pai tenta a todo momento silenciar o guri para, em seguida, fazer suas explicações.

No final, é o pai quem fica em silêncio e pede explicações ao filho, demonstrando certo choque, isto é, denotando que o não entendimento de que as coi-

sas mudam com o tempo (como o acesso a informações, o comportamento social, a concepção de certo e errado) e de que pessoas de menos idade também têm desejos, opiniões, sonhos e a negação deles pode provocar sérios conflitos entre os integrantes de uma família. A esse respeito, Muller (2007, p. 153) afirma:

Quem se sente ouvido, já se sente compreendido. Terá confiança não só para relatar os fatos, pelo menos sua versão dos fatos, mas também, e o mais importante, exprimir o que “vivenciou”. Para desatar o nó de um conflito, não basta estabelecer a verdade objetiva dos fatos, é necessário apreender a verdade subjetiva das pessoas, com suas emoções, desejos, frustrações e sofrimentos.

O filósofo afirma que o conflito faz parte da vida social e a recusa ao diálogo e à discussão é a caracterização da violência: “usar de violência é sempre obrigar o outro a calar-se, e privar o homem de sua palavra já é privá-lo de sua vida” (MULLER, 2007, p. 30). Um ser humano reduzido ao silêncio tem a sua própria humanidade sob ameaça. No caso das crianças e adolescentes, que estão em fase de desenvolvimento emocional, intelectual, psicológico e social os prejuízos são consideráveis.

3 CONVERSA

O título da crônica é uma questão relevante para a compreensão global da narrativa. Se consultarmos o dicionário veremos que o verbete *conversa* possui várias acepções e contextos diferentes:

conversa¹ (con.ver.sa)

sf.

1. Ação ou resultado de conversar.
2. Troca de palavras, ideias, relatos, informações etc. entre duas ou mais pessoas sobre um ou mais assuntos, ou ao sabor do que vai lhes ocorrendo; CONVERSAÇÃO; DIÁLOGO
3. Conversa (2) séria, por vezes formal, que tem por objetivo algo importante, como, por ex., esclarecer mal-entendidos, advertir, aconselhar, combinar interesses, fazer um acerto de contas etc.: *Venha aqui, por favor, precisamos ter uma conversa.*
4. Fig. Tema(s) ou assunto(s) sobre os quais se conversa: *Não tratamos disso, nossa conversa foi outra.*
5. Fig. Pop. Fala vazia, sem valor, conteúdo, importância ou sentido; PALAVREADO: *Deixa de conversa, entra logo no assunto que nosso tempo é escasso.*
6. P.ext. Pop. História ou relato falso; INVENÇÃO; MENTIRA: *Disse que iria me ajudar, mas era conversa.* [F.: Dev. de *conversar*.]

Além disso, há outras expressões populares com a palavra:

Conversa fiada: 1 Promessa, proposta, planos de pessoa que não pretende cumpri-los ou realizá-los;
Conversa mole: 1 Bras. Pop. Ver *conversa-fiada*. 2 Conversa que não leva a nada, lero-lero; conversa-

-fiada, conversa para boi dormir. **Conversa para boi dormir:** 1 Bras. Pop. Ver *Conversa mole* (2); **Conversa vai, conversa vem:** 1 Por. Depois de muita conversa; **Deixar de conversa:** 1 Bras. Pop. Parar com evasivas e rodeios e ir ao assunto; **Ir na conversa (de):** 1 Bras. Pop. Deixar-se convencer, acreditar no que lhe é dito (por alguém); **Jogar (a) conversa fora:** 1 Conversar sobre banalidades, bater papo; **Passar uma conversa em:** 1 Argumentar com lábia tentando convencer (alguém) de algo; **Puxar conversa:** 1 Tentar dar início a uma conversa com alguém³.

A acepção 2 parece ser a mais adequada para uma situação familiar comum: trocas de palavras, aconselhamento, informações. Contudo, na crônica, a acepção 3 é aquela que conduz o tom do pai: formalidade, advertência. Veríssimo nos assegura este sentido quando introduz o artigo definido “a” antes do verbo. Desse modo, o título “A conversa” conduz o leitor a pensar num diálogo difícil sobre um assunto polêmico e em tom decisivo. Isso é confirmado durante toda a narrativa por meio das falas do pai, enquanto o filho é silenciado pelo adulto a todo instante. Somente no fim do diálogo é que o leitor percebe que fora enganado pelo autor, assim como o pai pelo menino.

É comum que durante a leitura o leitor pense algo semelhante a “como é que ele vai sair dessa?” e, sentindo certa familiaridade com a situação, se vê diante de uma enrascada e quer logo chegar à solução, ou seja, a crônica tem mesmo a característica de ganhar

³ Disponível em: <https://www.aulete.com.br/conversa>. Acesso em: 5 ago. 2022.

a atenção de seus leitores, tanto pelo humor quanto pela verossimilhança. Porém, a crônica também propõe reflexões a respeito dos dilemas e conflitos humanos e seu grande final é surpreendente. E a surpresa é dar um olé na expectativa e finalizar a narrativa sem apresentar a solução mágica que o leitor tanto almeja.

O engano a que nos referimos é quanto à expectativa que criamos. Todavia, é sabido pelos leitores desse gênero que uma de suas características é a quebra de expectativas. Portanto, há um acordo prévio entre o leitor, o texto, o cronista: enganar e deixar-se enganar.

4 PAI × FILHO

Apesar de o título desta seção sugerir *fight*, nossa proposta é o contrário. Acreditamos que as relações prosperam quando há empatia, escuta, verdade. Para isso, é necessário abandonar nosso condicionamento cultural e agir com tranquilidade e buscarmos uma relação sadia, com apego e afinidade, refutando as disputas de poder que promovem relações invasivas, distantes e conflituosas.

A figura de pai, representada na crônica, é bastante comum na nossa sociedade. Como já afirmamos no início deste texto, há uma pressa constante, uma falta de tempo para o descanso, para o lazer, para o ócio, para o diálogo e isso se reflete no cotidiano: a irritação, a impaciência e, inclusive, a perda do controle

de impulsos se manifestam no trânsito, nas filas de banco, nas relações familiares, em jogos esportivos e em tantas situações. Nesse contexto, as crianças são bastante prejudicadas, já que não possuem condições de defenderem-se ou revidar seja pela sua pequena estrutura corpórea ou pela maturidade neurológica em formação.

O abandono afetivo é uma realidade vivida por muitas crianças no interior de suas famílias: os adultos não têm tempo. Não têm tempo para a infância, para escutar, para ouvir e ler histórias, para brincar, para observar sua criança, pois grande parte deles preocupam-se mais em suprir as necessidades econômicas, em dar conforto às suas famílias e, para isso, passam mais horas no trabalho do que em casa.

Devido a esse contexto, as crianças passam mais tempo com seus cuidadores – que cumprem o papel de oferecer alimento e higiene pessoal – e crescem com tantas outras necessidades negadas. Precoce-mente têm acesso a aparelhos eletrônicos conectados à internet e obtêm todo tipo de informação. Depois, os pais não fazem ideia sobre onde e com quem os filhos aprenderam tal coisa e o motivo de determinadas atitudes e perguntas, como no enredo da crônica em análise.

Não estamos negando a importância de garantir alimentação, acesso à saúde, à educação, à moradia. Cientes da atual situação econômica do nosso país, nesse ano de 2022, os trabalhadores têm sofrido e

trabalhado ainda mais para garantir ao menos o básico para as suas famílias e, conseqüentemente, o tempo para o lazer, para leitura e para a família tornam-se raros ou inexistentes. A inexistência desses momentos, por sua vez, contribui para a falta de controle das emoções, para o enfraquecimento das relações e para a gradativa desumanização dos sujeitos.

Ao discutir o tema da violência na sociedade e propor a construção de uma sociedade não-violenta, o filósofo Jean-Marie Muller (2007, p. 147-148) aponta a pressa e a impaciência como antecessores da violência:

A violência é sempre uma impaciência. A violência é precipitação; é um excesso de velocidade da ação. Violenta o tempo necessário ao crescimento e ao amadurecer de qualquer coisa. Não que o tempo aja por si só, mas concede à ação o tempo necessário para tornar-se eficaz. Por isso, a virtude da paciência encontra-se no cerne da exigência da não-violência. Não se trata de resignação, mas de determinação, paciência tem a força da perseverança.

Dessa forma, a relação das crianças e adolescentes com os adultos se configura em correção, castigo, punição ao invés de condução, educação, explicação, orientação, repetição até o alcance do aprendizado. É nítido que a nossa sociedade enfrenta, há tempos, um ciclo de violência que cada vez mais destrói a nossa própria humanidade.

Além das questões já comentadas, um assunto de grande pertinência e atualidade que nos chama atenção no texto é a (falta da) educação sexual, de que trataremos a seguir.

5 A EDUCAÇÃO SEXUAL

“Pronto, pensou o pai. Chegou a hora. Vinha protelando aquela conversa, mas agora não podia mais” (VERISSIMO, 1987, p. 68). A educação sexual não é um assunto protelável. Por fazer parte da própria existência, ela deve começar antes mesmo do primeiro ano de vida, conforme Andréa Martelli (2019, p. 54):

a vivência da sexualidade não envolve somente o corpo, a relação sexual, a presença ou não do orgasmo; mas envolve crenças, rituais culturais, vivências religiosas, valores éticos e morais, convenções e representações no uso desse corpo e de seus prazeres. Nesse sentido, a compreendemos como parte integral da personalidade de cada pessoa, necessidade básica e um aspecto que não pode ser separado de outros aspectos da vida.

Acompanhamos, diariamente, nos canais de notícias, que crianças, adolescentes, jovens e mulheres – geralmente – são vítimas em variados contextos e situações inimagináveis, pois os abusadores estão cada vez mais confiantes na impunidade, na falta de provas gerada pelo descrédito, desconfiança e investigação,

pela vergonha e humilhação, pela violência psicológica, pelas ameaças à vítima e à sua família.

Nesse contexto, as crianças e os adolescentes, pessoas cujo sistema neurológico está em formação, necessitam do apoio dos adultos para se protegerem. Para falarmos sobre educação sexual é preciso, antes, quebrar tabus, romper paradigmas. As crianças precisam compreender o conceito de partes privadas e partes íntimas, isto é, o corpo é privado, não se pode tocar o corpo de alguém sem permissão e, quando permitido, o toque precisa ser com carinho, não pode machucar, não pode constranger e nem ficar em segredo. Já as partes íntimas são aquelas que possuem roupas especiais: bumbum, pênis, vulva, mamilos.

Infelizmente é ainda muito comum o adulto cuidador, na hora do banho dos bebês, nomear os olhinhos, o nariz, as orelhas, a boca, as mãos, os pés, a barriguinha... mas as partes íntimas são ignoradas ou para elas são inventados apelidos, que são muitos e variam conforme a região do país: pipiu, piupiu (em lugar de pênis) e pepeca, perereca, periquita (em lugar de vulva) são alguns deles.

Com o avanço da idade, o contato com outras pessoas e, talvez, com acesso a conteúdo pornográfico, os nomes adquirem tom pejorativo, de conotação sexual e machista: bussanha, capô, chonga, perseguida, tabaca, vagina, xibiu, xoxota, xereca, e para o pênis: bilau, caralho, chibata, estrovenga, maceta, pau, pica, pinto, piroca, rola, toco, tora, vara. É comum, também,

atribuir nomes próprios (Wanessa, Bráulio, Nicolau) e no diminutivo (Camilinha, Larissinha).

Há milhares de nomes inventados para vulva e pênis. Isso dificulta, por exemplo, a identificação de violência sexual, pois muitas crianças vítimas de abusadores não conseguem nomear a violência sofrida, além de não possuírem uma relação forte e de confiança com os pais/responsáveis para conversarem sobre o assunto com liberdade.

É necessário que todas as partes do corpo sejam corretamente nomeadas e identificadas para que desde cedo haja liberdade para conhecer o próprio corpo, comunicar sentimentos a respeito de si e, assim, desenvolver a habilidade de proteger-se. É ideal que o adulto manipule o corpo do bebê/criança com respeito, cuidado e sempre informando a necessidade de suas ações, por exemplo: “com licença, a mamãe vai lavar seu pênis”.

Um pouquinho mais tarde, quando o nível de compreensão do bebê evolui, as informações podem ser mais elaboradas, nomeando quem pode mexer no corpo do bebê e com que finalidade: “com licença, a mamãe está lavando seu pênis. Somente a mamãe e o papai que podem lavar seu pênis”.

Depois, a criança precisa compreender quais são as partes íntimas do seu corpo; diferenciar o toque de carinho do toque violento; entender que tipo de segredo e com quem pode compartilhá-lo com segurança. É preciso criar um clima de confiança e li-

berdade para que crianças e adolescentes conversem sobre sexualidade com quem pode, de fato, orientar e garantir proteção.

Abandonar o tabu de que as partes íntimas são feias e sujas, não podem ser vistas ou tocadas por quem elas pertencem. Adotar uma visão positiva de todas as partes do corpo significa trocar a dificuldade de comunicação e traumas por autoestima, educação emocional e autoconhecimento que possibilitam a identificação de suspeitos, de sinais e sintomas de abusos, a identificação de doenças.

Outro tabu a ser quebrado é o adulto entender que brincar com partes íntimas de bebês e crianças é um tipo de abuso. E esta é uma regra para todos: o papel de pais e cuidadores não envolve tal pretensão de direito. Cada um deve ter respeitado o direito a seu próprio corpo. Tal assunto necessita de mais espaço para reflexão para compreendermos os aspectos culturais envolvidos em práticas invasivas e socialmente aceitáveis, como: furar a orelha de uma menina recém-nascida para colocar brincos, anunciar para família e amigos a chegada da menarca e demais mudanças corporais nos adolescentes...

A partir dos 12 anos, o adolescente alcança outro patamar de seu desenvolvimento. Assim, é possível falar sobre as mudanças corporais, a menstruação, a semenarca, os sentimentos, as emoções, alguns aspectos do namoro, o que é sexo, o sexo seguro, as res-

ponsabilidades, a prevenção de infecções sexualmente transmissíveis (IST) e gravidez precoce.

É preciso considerar a ansiedade dos adolescentes para saber sobre o tema da sexualidade, haja vista as transformações corporais, hormonais e psíquicas que ocorrem nessa fase da vida. Não é possível controlar tudo a que as crianças e os adolescentes têm acesso, por isso, para evitar que tirem dúvidas com pessoas e lugares inadequados ou que sofram por falta de conhecimento ou, ainda, acessem conteúdos pornográficos, que contribuem para a visão distorcida das partes íntimas e normaliza a violência sexual, é necessário não postergar o assunto.

Quando o pai afirma “Na idade dele também estava cheio de perguntas sobre o assunto” (VERISSIMO, 1987, p. 68), comprovamos que a sexualidade é um assunto inerente ao ser humano e, por isso, é bastante comum que as pessoas queiram compreendê-lo, apesar de ser bastante evitado.

Reafirmamos que não há idade ideal para iniciar o assunto em casa e é importante ressaltar que: 1) a violência sexual pode ocorrer em qualquer lugar: no interior das famílias, nas escolas, nas igrejas, nos centros esportivos e de recreação, em festas; 2) o abusador não tem cara: não deixa indícios para desconfiança, é amigável, é conhecido da família ou integrante da família; 3) é um crime difícil de flagrar ou provar e, por isso, ainda mais cruel dado o descrédito da ação hedionda dessas pessoas.

Temos visto que esconder, evitar, negar o assunto só traz consequências ruins para bebês, crianças, adolescentes, famílias e sociedade. As famílias e as escolas são fundamentais para o trabalho urgente e necessário que visa dirimir as questões emocionais e sociais relacionadas à falta de educação sexual como abuso, violência física, violência sexual, abandono parental, crimes de homofobia, infecções sexualmente transmissíveis, gravidez não planejada.

De acordo com Thamara Assis (2021), a gravidez na adolescência no Brasil apresenta alta prevalência e reincidência, sendo uma das principais causas de morbimortalidade de mulheres jovens. A pesquisa de doutorado compreendeu o contexto de desigualdades sociais, a falta de acesso à saúde pública, a baixa escolaridade e os desfechos para o recém-nascido, conhecido como *near miss* neonatal. A pesquisadora aponta a necessidade de políticas públicas que auxiliem no atraso da gestação, que ofereça educação sexual e que haja acompanhamento e suporte específico para diminuir os impactos sociais e na saúde das adolescentes.

É muito importante compreender que educação sexual não é sexo nem pornografia. Ela compreende o conhecimento do próprio corpo e as mudanças que ocorrem na transição de um corpo infantil para um corpo adolescente, jovem, adulto e envelhecido atrelado a questões hormonais, a reprodução humana, o respeito ao próprio corpo e ao corpo do outro, as

emoções, os desejos. Para Mary Neide Figueiró (2010, p. 3),

educação sexual é toda ação (de) ensino-aprendizagem sobre a sexualidade humana, seja ao nível de conhecimento de informações básicas, seja ao nível de conhecimento e/ou discussões e reflexões sobre valores, normas, sentimentos, emoções e atitudes relacionadas à vida sexual.

Dessa forma, educação sexual, educação emocional e prevenção ao abuso estão associadas e devem respeitar o desenvolvimento e cada fase da criança e do adolescente. Devem, ainda, ser conduzidas por adulto consciente, que tenha conhecimento sobre os assuntos e que apresente neutralidade na condução do tema, isto é, desarraigado de preconceitos limitantes que se baseiam em mitos e tabus. Para Graziela Pereira (2012, p. 200),

os mitos seriam mentiras tornadas como verdades pela coletividade, falta de moral, aberrações e perversões. E os tabus seriam atos, palavras ou símbolos sexuais proibidos numa dada sociedade, por motivos religiosos ou sociais.

No texto, acompanhamos uma tentativa inadequada de condução do tema:

Bom, uma plantinha começa de uma semente. Alguém bota uma semente na terra e a plantinha vai crescendo, vai crescendo... (VERISSIMO, 1987, p. 69).

A comparação proposta pelo pai não serve para exemplificar a reprodução humana, primeiro pelo fato de que, nas aulas de ciências, aprendemos a diferença entre reprodução sexuada e reprodução assexuada, que é o caso das plantas. Segundo, que os impactos emocionais, sociais e econômicos da reprodução humana em nada se comparam ao nascimento de uma planta que, em muitos casos, não necessita que alguém faça a sementeira.

Conforme Jean-Marie Muller (2007), muitas pessoas preferem recorrer a dissimulações, ocultações da verdade em vez de ensinarem as crianças o que precisam saber para sua própria segurança. Ao contrário disso, é preciso buscar conhecimento, identificar as situações de risco, ensinar a como se proteger e a como respeitar o corpo do próximo em todas as fases da vida.

6 QUEBRAR TABUS E O CICLO DA VIOLÊNCIA

Na crônica que lemos, a família era constituída por pai, mãe e filho. Tudo dentro da dita normalidade tão apreciada pelos cidadãos de bem e defensores da família tradicional, mas o diálogo, a conexão, a educação respeitosa não se faziam presentes. Ainda que a família represente – no senso comum – afeto, amor e segurança, as condições objetivas podem ser outras,

isto é, ter uma família não é sinônimo de ser amado, compreendido, respeitado e estar seguro.

Como já dissemos, além dos problemas do abandono afetivo, cerca de 70% dos casos de abuso sexual ocorrem na própria casa da criança vítima do abusador que, quase sempre, é alguém de sua família, cujo papel seria o de proteger, dar carinho e cuidado (FÓRUM BRASILEIRO DE SEGURANÇA PÚBLICA, 2022).

Além disso, algumas atitudes dos pais deixam os filhos mais vulneráveis. Ao basear a educação das crianças no autoritarismo, o cotidiano familiar é constituído por ameaças, gritos, chantagens, castigos e pela falta de empatia que dificultam a construção de uma relação de confiança, segurança e respeito. Nesse contexto, a criança não terá segurança em pedir ajuda, caso necessite. Também poderá desenvolver o sentimento de culpa, mesmo sendo vítima, pois a educação que recebe não lhe ensina a como resolver problemas, mas a sofrer por ele, por meio da punição e da falta de orientação.

A criança precisa desenvolver sua estrutura emocional, física, social, psíquica, neurológica, intelectual. Conforme Muller (2007, p. 158), “uma verdadeira educação cívica das crianças deve favorecer a autonomia em vez da submissão, o espírito crítico em vez da obediência passiva, a responsabilidade em vez da disciplina, a cooperação em vez da competição, a solidariedade em vez da rivalidade”.

7 EDUCAÇÃO SEXUAL NAS ESCOLAS

Tendo em vista que muitas famílias não sabem lidar com demandas simples da sexualidade infantil – como o pai na crônica de Verissimo –, a sociedade precisa contar com profissionais para orientar as famílias. Dessa forma, professores, psicólogos, médicos, dentistas, policiais, assistentes sociais, conselheiros tutelares devem estar aptos para conduzir o tema com seriedade. Ao considerarmos o contexto social de grande parte das famílias, percebemos que a escola é a instituição mais próxima das crianças e dos adolescentes e, por isso, pode ser tanto o lugar de orientação quanto o de identificação, acolhimento e denúncia de casos de abuso.

No ensaio “Da educação sexual à “ideologia de gênero”: disputas em torno das sexualidades e dos gêneros na escola”, os autores apresentam e analisam alguns elementos da educação sexual nas escolas brasileiras em vários períodos históricos. Conforme os autores do texto, a ideia inicial era o combate às doenças venéreas e à masturbação: um, ligado à perspectiva higienista, visava a saúde da população, a diminuição dos gastos em saúde pública; e o outro, com o intuito de domínio dos corpos, mais ligado à alçada religiosa e que revela um tabu a respeito das partes íntimas do corpo (CRUZ; SILVA; SANTOS, 2020).

Na década de 1920 Berta Lutz se levanta, junto a outras mulheres feministas, contra o conservado-

rismo machista presente em boletins e manuais da educação sexual e pela proteção das crianças e da maternidade, esclarecendo que a educação sexual não deveria ser um mecanismo de controle utilizado por instâncias de poder encrustadas nas escolas para manter uma normalidade perversa. Para Lutz, a educação sexual está além das necessidades orgânicas e morais.

Um século depois, os debates em torno desse tema ainda suscitam muitos discursos em campos de disputa como a política, a religião, nos ambientes institucionais, na mídia, nas ruas e não há trégua para discussões embasadas e que coloquem em pauta as reais necessidades da educação sexual.

Os debates inflamados por pessoas sem comprometimento com a educação emancipadora e que acreditam em notícias falsas fartamente veiculadas na mídia e em grande velocidade, como o termo “ideologia de gênero”, promovem alardes, cegam e atemorizam as pessoas ao mesclarem esse termo vazio de sentido a outros temas como legalização do aborto, direitos humanos, homossexualidade e comunismo.

Há um discurso de que os professores não estão preparados para tratar desse assunto, são constantemente acusados de “doutrinação” para destruir a família e seus valores e, por isso, o trabalho dos docentes está cada vez mais cerceado pelo governo de extrema direita que persegue, distorce e expõe as metodologias, os conteúdos, os projetos. Também re-

tira os direitos trabalhistas, corta investimentos na educação e enaltece o ensino familiar – haja vista o recém-aprovado *homeschooling* – e impede avanços por meio de mudanças nos documentos oficiais.

Os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN), que passaram a regular a educação no país em 1997, trouxeram perspectivas de avanços na área da educação sexual: “a sexualidade forma parte integral da personalidade de cada um e que é uma necessidade básica e um aspecto do ser humano que não pode ser separado de outros aspectos da vida” (BRASIL, 1997, p. 295). Apesar desse entendimento, as questões da sexualidade não eram tão presentes no contexto escolar.

Com a mudança de rumo na política brasileira, novos parâmetros foram estabelecidos para o ensino nas escolas brasileiras. A nova Base Nacional Comum Curricular (BNCC) deixou para trás o tópico “Orientação sexual”, que constava nos PCN. O documento que regulamenta a educação no país não trata o assunto de forma direta. A educação sexual que dela advém adota a perspectiva biologicista, da reprodução humana e a prevenção às IST, um nítido retrocesso do que ainda caminhava vagarosamente.

Enquanto isso, as relações de poder no espaço escolar permanecem enraizadas e se movimentando, avançando, englobando e ocupando lugares do conhecimento científico, artístico e cultural, do ensino

intencional sistematizado de conteúdos que visem a emancipação humana.

8 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nesse artigo enfatizamos a importância do texto literário para a sociedade e, portanto, a necessidade da educação literária nas escolas, refutando a ideia de uma função moralizante e edificante da literatura.

Segundo Figueiró (2018), os avanços obtidos na temática da sexualidade humana ao longo dos tempos podem ter retrocedido devido ao movimento político extremista que exalta as barreiras do conservadorismo e reduz o espaço da ciência. A valorização do gênero masculino, a defesa da heteronormatividade e a da família tradicional, a associação da sexualidade ao sujo, perverso, pecaminoso, proibido (FIGUEIRÓ, 2014), a obediência cega a crenças limitantes e a intolerância ao que é diverso paralisam o entendimento coletivo e o possível avanço no tema.

Além disso, faltam políticas públicas e debates com a sociedade, falta informação para as famílias e formação para professores e para profissionais de outros setores da sociedade para tratar do tema com conhecimento, consistência, naturalidade e afeto.

As pessoas ainda têm dificuldade de entender o que realmente é a educação sexual. Pensam que é antecipar assuntos, erotizar a criança, tirar a inocên-

cia, falar sobre sexo, acessar conteúdos inadequados para a idade, mas na verdade é uma forma responsável e segura de ensinar a criança a respeitar o próprio corpo e o do outro, a proteger seu corpo, a desenvolver a autoestima, a valorizar seu corpo, a não machucar e não agir com agressividade com o corpo de outras pessoas. Tal dificuldade pode estar atrelada ao fato de também não compreenderem o que de fato é a sexualidade. Assim, trazemos uma definição: a sexualidade é

um elemento integrante de nossa identidade e envolve o amor, o prazer, o toque, o sexo, a afetividade, o carinho, os gestos, a comunicação, as relações de gênero, o respeito, a alegria de viver e o conjunto das normas culturais relacionadas à prática sexual. Sexualidade abarca, ainda, o gênero, a identidade sexual, a orientação sexual e a identidade de gênero (FIGUEIRÓ, 2014, p. 69).

Como vemos, a sexualidade abarca também as tão temidas questões de orientação sexual e de identidade de gênero. Contudo, é covarde colocar apenas essas questões em evidência, atrelando-as a aspectos de disputa política e religiosa e negando o conhecimento científico, humano, que educa e protege.

Precisamos continuar a cobrar dos governantes ações direcionadas à proteção da infância e à prevenção ao abuso sexual: nos documentos oficiais, no suporte e valorização dos professores, da responsa-

bilização de outros profissionais e demais setores da sociedade, da instrução às famílias e às crianças.

A educação sexual é urgente, por falta de outro termo que melhor expresse o tempo escorrendo pelas mãos. Muitas crianças, adolescentes, jovens, adultos e idosos já foram vítimas de abuso sexual e, em vários casos, não têm consciência disso, pois são várias as maneiras em que ocorrem, e o crime é tão minuciosamente planejado e executado que não deixa pistas, provas e provoca na vítima o sentimento de culpa. Evitar a repetição de tragédias que geram traumas profundos e que fortalecem o ciclo da violência é uma tarefa da sociedade. O texto de Verissimo, com sua costureira verve bem-humorada e crítica, nos leva a reavaliar conceitos e comportamentos anacrônicos. Com leveza e responsabilidade, a conversa rende.

REFERÊNCIAS

ASSIS, Thamara de Souza Campos. *Repercussões maternas e neonatais da gravidez na adolescência no Brasil*. 2021. Tese (Doutorado em Saúde Coletiva) – Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, 2021.

BRASIL. Ministério da Educação. *Parâmetros Curriculares Nacionais*. Brasília, DF: MEC, 1997.

BRASIL. Ministério da Educação. *Base Nacional Comum Curricular*. Brasília, DF: MEC, 2022.

CRUZ, Thalles do Amaral de Souza; SILVA, Marlon Silveira da; SANTOS, João Paulo Lopes dos. Da educação sexual à “ideologia de gênero”: disputas em torno das sexualidades e dos gêneros na escola. *Pró-Discente: Caderno de Produção*

Acadêmico-Científica, Vitória, v. 26, n. 1, p. 91-107, jan./jun. 2020.

FIGUEIRÓ, Mary Neide Damico. *Formação de educadores sexuais: adiar não é mais possível*. Londrina: Eduel, 2014.

FIGUEIRÓ, Mary Neide Damico. *Educação sexual: saberes essenciais para quem educa*. Curitiba: CRV, 2018.

FÓRUM BRASILEIRO DE SEGURANÇA PÚBLICA. *Anuário Brasileiro de Segurança Pública 2022: as violências contra crianças e adolescentes no Brasil*. São Paulo: FBSP, 2022.

Disponível em: <https://forumseguranca.org.br/wp-content/uploads/2022/07/12-anuario-2022-as-violencias-contra-criancas-e-adolescentes-no-brasil.pdf>. Acesso em: 14 jul. 2022.

LA TAYLLE, Yves. *Humor e tristeza: o direito de rir*. São Paulo: Papirus, 2014.

MARTELLI, Andréa Cristina. Violência sexual em crianças e adolescentes e suas consequências. In: DESIDÉRIO, R. (org.). *Interseccionalidade e transgressões em educação sexual*. Londrina: Syntagma, 2019.

MULLER, Jean-Marie. *O princípio da não-violência*. Trad. Inês Polegato. São Paulo: Palas Athena, 2007.

PEREIRA, Graziela Raupp. Mitos e tabus: perspectivas de mudanças relacionadas a sexualidade humana. In: REIS, Maria Amélia de Souza; ALEVATO, Hilda (org.). *Nexus e sexus: perspectivas instituintes*. Petrópolis: DP et elii; Rio de Janeiro: FAPERJ, 2012. p. 195-210.

VERISSIMO, Luis Fernando. A conversa. In: VERISSIMO, Luis Fernando. *Zoeira*. Porto Alegre: L&PM, 1987.